



UM DIÁRIO DE LEITURAS

Alberto Manguel

UM DIÁRIO DE LEITURAS

TREZE LIVROS PARA TREZE MESES

TRADUÇÃO DE
Rita Almeida Simões

L I S B O A
T I N T A - D A - C H I N A
M M X X I I

Todas as fotografias pertencem à colecção do autor, com excepção das seguintes: a imagem na página 134 é de Feodor Ivanovich Chaliapin no papel de protagonista do filme *Dom Quixote*, de 1933, realizado por Georg Wilhelm Pabst (instantâneo da colecção de E.C. Paris). A imagem da página 180, de Kristine Connidis, é reproduzida com autorização.

NOTA DA TRADUTORA

Os textos citados pelo autor foram quase todos traduzidos directamente das suas línguas originais. Só em casos muito raros se trabalhou a partir das traduções feitas por Alberto Manguel. Assinalam-se em nota de rodapé as restantes excepções, com os devidos créditos.

© 2022, Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tels: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *A Reading Diary: A year of favourite books*
© Alberto Manguel
c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria, S.L.
www.schavelzongraham.com

Título: *Um Diário de Leituras: Treze livros para treze meses*
Autor: Alberto Manguel
Tradução: Rita Almeida Simões
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Maio de 2022

ISBN 978-989-671-673-8
Depósito Legal n.º 496495/22

Este livro é para o Craig.

ÍNDICE

PREFÁCIO	II	PARTE 2. 2003	
PARTE I. 2002		Janeiro	
Junho		<i>Dom Quixote</i> , de Miguel de Cervantes	135
<i>A Invenção de Morel</i> , de Adolfo Bioy Casares	17	Fevereiro	
Julho		<i>O Deserto dos Tártaros</i> , de Dino Buzzati	153
<i>A Ilha do Dr. Moreau</i> , de H.G. Wells	37	Março	
Agosto		<i>O Livro de Almofada</i> , de Sei Shonagon	167
<i>Kim</i> , de Rudyard Kipling	49	Abril	
Setembro		<i>Ressurgir</i> , de Margaret Atwood	181
<i>Memórias d'Além da Campa</i> , de François-René de Chateaubriand	65	Maiio	
Outubro		<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> , de Joaquim Maria Machado de Assis	195
<i>O Signo dos Quatro</i> , de Sir Arthur Conan Doyle	83	PARTE 3. 2021	
Novembro		Setembro	
<i>As Afinidades Electivas</i> , de Johann Wolfgang von Goethe	103	<i>Viagens na Minha Terra</i> , de Almeida Garrett	213
Dezembro			
<i>O Vento nos Salgueiros</i> , de Kenneth Grahame	121		

PREFÁCIO

...que devemos procurar laboriosamente o significado de cada palavra, de cada verso, conjecturando, graças à sabedoria, ao valor e à generosidade de que disponhamos, um sentido mais amplo do que autoriza o uso comum.

THOREAU, *Walden*

Como qualquer homem de bom gosto, Menard abominava esses carnavais inúteis, aptos apenas — dizia — a ocasionar o prazer plebeu do anacronismo ou (o que é pior) a enfeitá-los com a ideia primária de que todas as épocas são iguais ou diferentes.

JORGE LUIS BORGES, *Ficções*

Há livros por que passamos alegremente os olhos, esquecendo as páginas assim que as viramos; outros que lemos com reverência, sem ousar concordar com eles ou discordar deles; outros que oferecem meras informações e excluem à partida os nossos comentários; outros ainda que, por os amarmos tão profundamente e desde há tanto tempo, conseguimos reproduzir palavra por palavra, porque os conhecemos de cor, no sentido mais literal da expressão.

A leitura é uma conversa. Os loucos estabelecem diálogos imaginários que ouvem ecoar algures na mente; os leitores estabelecem um diálogo semelhante, provocado silenciosamente por palavras numa página. Em geral, a resposta do leitor não é registrada, mas acontece amiúde que um leitor sinta a necessidade de pegar num lápis e responder nas margens de um texto. Esse comentário, essa glosa, essa sombra que acompanha por vezes os

nossos livros preferidos prolonga o texto, transporta-o para outro tempo e outra experiência; imprime realidade à ilusão de que um livro fala connosco e nos incita (a nós, seus leitores) a existir.

Há algum tempo, depois de fazer 53 anos, decidi reler alguns dos meus velhos livros preferidos e surpreendeu-me, uma vez mais, a maneira como os seus mundos do passado, intrincados e estratificados, pareciam reflectir o triste caos do mundo em que vivo. Certa passagem de um romance iluminava subitamente um artigo no jornal; uma cena ficcional lembrava um episódio já quase esquecido; uma única palavra lida desencadeava uma longa reflexão. Decidi manter um registo desses momentos.

Ocorreu-me então que, se relesse um livro por mês, podia completar, no espaço de um ano, algo entre um diário pessoal e um livro trivial com notas, reflexões, impressões de viagem, descrições de amigos e acontecimentos públicos e privados, tudo suscitado pelas minhas leituras. Fiz uma lista dos livros que escolheria. Por uma questão de equilíbrio, afigurou-se-me importante que houvesse um pouco de tudo. (Como sou, antes de mais, um leitor eclético, não foi um requisito difícil de satisfazer.)

A leitura é uma tarefa confortável, solitária, lenta e sensória. A escrita também já se revestiu de algumas dessas qualidades. Ultimamente, porém, a profissão de escritor ganhou características dos antigos vendedores ambulantes ou actores de repertório: espera-se dos escritores que actuem em espectáculos únicos, em lugares recônditos, onde exaltem as virtudes dos seus livros, como quem vende escovões ou enciclopédias. Essas obrigações foram a principal causa das viagens que, ao longo do meu ano de leituras, me levaram a várias cidades, onde desejei regressar a casa, o meu lar numa pequena aldeia em França, onde guardo os meus livros e onde trabalho.

Os cientistas imaginam que, antes do nascimento do Universo, existiu um estado de potencialidade onde o tempo e o espaço se encontravam suspensos — «numa névoa de possibilidade», como formulou um especialista, até ao Big Bang. Essa existência latente

não surpreende nenhum leitor, para quem todos os livros existem como que num estado onírico, até as mãos que os abrem e os olhos que os percorrem acordarem as palavras. As páginas que se seguem são a minha tentativa de registar alguns desses despertares.

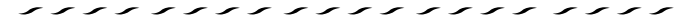
Nota final:

Dentro de poucos dias, terei exactamente mais 21 anos do que quando escrevi este livro. Muito mudou na minha vida e no mundo, mas os meus livros preferidos permanecem essencialmente na mesma. Só a minha leitura deles continua a mudar, graças ao que sei hoje acerca de mim e graças ao que se passa no mundo. Talvez isto prove a imortalidade da literatura, prove que ela se renova a cada leitura, a cada leitor, até ao fim dos tempos (que pode estar mais próximo do que desejamos crer).

Este livro corre o risco de ser interminável (apercebi-me disto durante o processo de escrita), como *As Mil e Uma Noites*, ou o risco de o seu fim coincidir com o meu. Uma vez que, agora, o meu país é Portugal, acrescentei um capítulo correspondente à minha experiência de leitura em Setembro de 2021. E assim continua...

Alberto Manguel
Lisboa, Março de 2022

PARTE I



2 0 0 2



~~~~~ JUNHO ~~~~~

## A INVENÇÃO DE MOREL

SÁBADO

Instalámo-nos na nossa casa em França há pouco mais de um ano e já sou obrigado a partir, para visitar a minha família em Buenos Aires. Não quero ir. Quero desfrutar da aldeia no Verão, do jardim, da casa sempre fresca graças à espessura das velhas paredes. Quero começar a arrumar os livros nas prateleiras que acabaram de ser construídas. Quero ficar no meu espaço e trabalhar.

No avião, abro um exemplar de *A Invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares, a história de um homem encalhado numa ilha aparentemente habitada por fantasmas, que li pela primeira vez há 30 ou 35 anos.

É a minha primeira visita a Buenos Aires desde a crise de Dezembro de 2001 que desvinculou o peso do dólar, fez cair a economia e arruinou milhares de pessoas. Na baixa da cidade, não se vêem sinais do desastre, excepto ao cair da noite, quando as ruas se enchem de hordas de *cartoneros*, homens, mulheres e crianças que sobrevivem recolhendo lixo reciclável dos passeios. Talvez a maioria das crises seja invisível: não são acompanhadas de falácias patéticas que nos ajudam a ver a devastação. As lojas fecham, as pessoas parecem extenuadas, os preços sobem em flecha, mas a vida continua: os restaurantes estão à cunha, as lojas oferecem os mesmos dispendiosos produtos importados (se bem que eu tenha ouvido uma mulher queixar-se: «Não encontro *aceto balsâmico* em lado

nenhum!)), a cidade fervilha de actividade muito para lá da meia-noite. Turista numa cidade que já foi a minha cidade, não vejo o crescimento dos bairros de lata, os hospitais em que falta tudo, as falências, a classe média na fila para a sopa dos pobres.

O meu irmão quer comprar-me uma gravação nova do *Magnificat* de Bach. Pára em cinco caixas automáticas antes de encontrar uma que aceita ceder-lhe um punhado de notas. Pergunto-lhe o que fará quando não encontrar uma máquina obsequiosa. Há-de haver sempre alguma, responde-me, com uma confiança mágica.

*A Invenção de Morel* começa com uma frase célebre na literatura argentina: «Hoje, nesta ilha, aconteceu um milagre.» Os milagres parecem quotidianos na Argentina. Diz o narrador de Bioy: «Não há aqui alucinações nem imagens: há apenas homens verdadeiros, pelo menos tão verdadeiros como eu.»

Picasso dizia que tudo era um milagre, e que era um milagre que não nos dissolvêssemos no banho.

#### MAIS TARDE

Passo pelo apartamento de Bioy, perto do cemitério de La Recoleta, onde repousam as famílias aristocratas da Argentina, nuns mausoléus ornamentados e encimados de anjos em lágrimas e colunas simbolicamente partidas. Bioy, cujos romances (fossem situados em ilhas longínquas ou noutras cidades) descrevem a atmosfera fantasmagórica da cidade onde ele sempre viveu, detestava La Recoleta; considerava absurdo que alguém continuasse pretensioso depois da morte.

A Buenos Aires de hoje parece-me um lugar espectral. Gombrowicz, que emigrou da Polónia para esta cidade no final da década de 1930

e aqui viveu 24 anos, escreveu no navio que o levou embora: «Argentina! Nos meus sonhos, de olhos semifechados, procuro-a uma vez mais em mim, com todas as forças. Argentina! É tão estranho, e desejo apenas saber isto: porque é que nunca senti, na Argentina, tamanha paixão pela Argentina? Por que me assalta a paixão agora, quando estou longe?» Compreendo a perplexidade. Qual cidade antiga em ruínas, este país assombra-nos à distância. Aqui, o passado apresenta-se em estratos, geração sobre geração de fantasmas: as pessoas da minha infância, colegas de escola desaparecidos, sobreviventes alquebrados.

No *Magnificat*, o coro sobrepõe inúmeras repetições de «*omnes, omnes generationes*», multidões sucessivas de mortos que se erguem para prestar testemunho.

Na própria Buenos Aires, as pessoas não vêem os fantasmas. Parecem viver num estado de optimismo demente: «Pior não pode ficar», «Alguma coisa há-de acontecer».

Remy de Gourmont (para com quem Bioy tinha uma dívida que nunca reconheceu): «Devemos a nós próprios o ser felizes, quanto mais não seja por orgulho.»

Silvia, minha antiga colega de turma, conta-me que há uma placa na escola à memória dos alunos assassinados pelos militares. Diz-me que vou reconhecer vários nomes.

#### DOMINGO

Os argentinos gabam-se há muito da sua pretensa *viveza criolla*, a sua esperteza endémica. Mas esta mentalidade de trapaceiro é uma faca de dois gumes. Na literatura, é incarnada por Ulisses, que era, para Homero, um herói astucioso, salvador dos Gregos, flagelo

de Tróia, vencedor de Polifemo e das Sereias, e, para Dante, um mentiroso e um aldrabão condenado ao oitavo círculo do Inferno. Embora, ultimamente, os argentinos pareçam ter confirmado o veredicto de Dante, pergunto-me se ainda é possível regressar à visão de Homero e utilizar esse perigoso dom para vencer prodígios e superar obstáculos. Não estou optimista.

Em Dezembro passado, publiquei um artigo zangado no *Le Monde* que terminei dizendo que, hoje, «a Argentina já não existe e os canalhas que a destruíram continuam vivos». Uma escandalizada psicanalista argentina comparou a minha conclusão à daqueles banqueiros europeus e norte-americanos que, rejeitando inteiramente a sua própria culpa, viam na queda da Argentina uma espécie de justa retribuição pela arrogância do país. Talvez essa comparação tão absurda se deva à incapacidade da própria psicanalista para (tal como a maioria dos argentinos) aceitar o facto de, para as coisas mudarem, o país ter de se redefinir e, sobretudo, instituir um sistema judicial irrepreensível.

#### ENTARDECER

A experiência do quotidiano negada pelo que queremos que ela seja, negada, por sua vez, pelo que esperamos que ela realmente seja.

O narrador anónimo do romance de Bioy está em fuga, depois de cometer um crime que não é nomeado, sempre convencido de que mesmo ali, nesta ilha distante, perdida algures nas Caraíbas, «eles» conseguirão apanhá-lo. Ao mesmo tempo, vive na expectativa de acontecimentos miraculosos: salvação, alimentos, o amor. Vistas do interior da personagem, a fuga e a fantasia são coerentes; vistas do exterior, é como assistir ao desenrolar de uma realidade dupla, louca, bicéfala e contraditória.

A realidade física da ilha confirma as impressões de pesadelo do narrador, embora, obviamente, tudo seja filtrado pelo olhar dele. Estou sentado num café. Servem-me o café com pacotinhos de açúcar estampados com as caras de personagens famosas do século xx. Posso escolher entre Chaplin e Mandela. Alguém deixou num cinzeiro um pacote vazio com o rosto de Che Guevara. Depois, passo por uma loja de massa fresca chamada La Sonámbula. A mostra de um pronto-a-vestir não tem senão um grande sinal: *Todo debe desaparecer*. Diante de uma farmácia, uma mulher com uma receita médica na mão pede a quem entra que lhe compre os medicamentos de que precisa, porque não tem dinheiro.

O narrador de Bioy foi avisado de que não devia tentar chegar à ilha, por causa de uma doença misteriosa que (diz o rumor) infecta todos quantos a alcançam e os mata «de fora para dentro». As unhas e o cabelo caem, a pele e as córneas morrem, e o corpo continua vivo mais oito ou 15 dias. A superfície morre antes do âmago. Evidentemente, as pessoas que o narrador vê são só superfície.

Mas para quê escrever um diário? Porquê anotar tudo isto? Morel, o misterioso senhor da ilha, explica por que mantém um registo das suas memórias: «Dar perpétua realidade à minha fantasia sentimental.»

Sinto falta do meu novo jardim em França, das minhas novas paredes.

#### SEGUNDA-FEIRA

Bioy — aristocrático, intelectual, mulherengo — descreve ou prevê o mundo da vítima comum: uma vítima literária, claro, fustigada por infortúnios literários. Um amigo cubano disse-me um dia que, em Cuba, se lê Bioy como fabulador político: as suas histórias são entendidas como denúncias dos casos de pessoas condenadas injustamente, perseguidas, de todos os que sofrem o destino dos

exilados e refugiados. «Demonstrarei que o mundo, através do aperfeiçoamento da polícia, dos documentos de identidade, da imprensa, da radiofonia e das alfândegas, torna irreparável qualquer erro judiciário e se tornou um perfeito inferno para os perseguidos.» O tom (as palavras são do narrador) pretende ser de autocompaixão; hoje, soa documental. Pergunto-me que pensaria Bioy desta leitura, ele que considerava o rótulo *écrivain engagé* um grave insulto.

N'A *Invenção de Morel*, tudo é contado com hesitação. O velho truque: a verosimilhança na ficção consegue-se mediante uma pretensa falta de certeza.

## MEIO-DIA

Encontro-me com a Silvia no La Puerto Rico, o café que os meus amigos e eu costumávamos frequentar quando andávamos no liceu. Não mudou: as paredes revestidas a madeira, as mesas redondas de pedra cinzenta, as cadeiras duras, o cheiro a café torrado, e talvez mesmo os empregados, sem idade, com guarda-pós brancos repletos de nódoas. A Silvia descreve o estado do país como uma adolescência que se repete. Mais fantasmas, a estudar para exames numa mesa, à espera de um amigo noutra, a planear o acampamento de férias naqueloutra — todos eles desaparecidos, mortos, perdidos.

Na casa de Morel, a que ele chama museu, a biblioteca só contém (com uma única excepção) obras de ficção: romances, poesia, teatro. Nada «real».

O leitor anglófono ainda não descobriu as obras de Bioy. Embora estejam publicados nos Estados Unidos, os seus livros não são lidos e o primeiro (e talvez o único) romance de Bioy publicado em Inglaterra foi *O Sonho dos Heróis*, em 1986. A ignorância do leitor anglófono nunca deixa de me espantar.

## TERÇA-FEIRA

Os quiosques de jornais estão cheios de revistas em papel brilhante que espiam a vida dos ricos e famosos com exultante banalidade. A vida continua. De regresso a Baden-Baden após a guerra, Alfred Döblin termina o seu diário do exílio e observa isto acerca dos seus compatriotas alemães: «Ainda não tiveram a experiência da experiência por que passaram.»

A minha irmã, que é psicanalista e uma das pessoas mais inteligentes que conheço, conta-me que quase todos os doentes dela estão em crise. Mas também há um ressurgimento do impulso criativo: apareceram dezenas de novas revistas literárias e políticas, e o teatro e o cinema ganharam uma vida nova. Misteriosamente, a queda do país gerou uma atmosfera palpável de criatividade, como se artistas e escritores tivessem decidido subitamente fazer renascer do pó o que lhes foi roubado.

Morel lembra-me certas personagens (Gloria Swanson em *O Crepúsculo dos Deuses* ou a filha fiel de *Autobiografia de Uma Princesa*, de Merchant e Ivory) que consagram os dias a ver o passado reganhar vida num ecrã. O tema do ser amado recordado sob a forma de uma imagem projectada aparece pela primeira vez, que eu saiba, num romance de Júlio Verne datado de 1892: *O Castelo dos Cárpatos* (que, segundo Gavin Ewart, inspirou *Drácula* de Bram Stoker). Na versão de Verne, o excêntrico barão Gortz faz ressuscitar Stilla, uma bela cantora de ópera que morreu a meio do seu espectáculo de despedida, e a quem o barão há muito dedica um amor obsessivo. No final, o leitor fica a saber que o que o barão recriou não foi Stilla em carne e osso, mas um mero reflexo de um retrato dela e a sua voz numa gravação.

(Ocorre-me agora um exemplo anterior: as sombras da caverna de Platão.)

Bioy segue os preceitos do romance policial: não esconder nada desde a primeira página, não revelar nada até à última. (N' *A Invenção de Morel*, porém, a revelação aparece quase exactamente a meio do romance.)

As imagens projectadas de personagens do passado de Morel repetem conversas pré-gravadas. Numa delas (ouvida casualmente pelo narrador), Morel propõe como tema a imortalidade. Pista falsa, já que a imortalidade não é simples persistência. Faz-me lembrar a nomenclatura clínica da incapacidade de esquecer: «perseverança da memória».

Proust: «Tudo deve regressar, como está escrito nas cúpulas de São Marcos, e como proclamam, enquanto bebem das urnas de mármore e jaspe dos capitéis bizantinos, as aves que representam a um tempo a morte e a ressurreição.»

Discuti acerca da imortalidade com Stan Persky. Discordando dos alarmes dos distópicos, o Stan defendeu que o progresso científico nos dotará, senão da vida eterna, pelo menos da possibilidade de uma fruição mais prolongada do presente. Tenho as minhas dúvidas: não sei se quero durar muito para lá dos 80 ou 90 anos (já de si uma pequena eternidade). Agora, que começo a vislumbrar a certeza de um fim, aprecio mais as coisas a que me habituei — os meus livros preferidos, vozes, presenças, sabores e ambientes favoritos — em parte porque sei que não estarei cá para sempre. O Stan diz que, tendo um corpo e uma mente sãos, desejaria alegremente continuar a viver.

No seu diário, Bioy conta como foi o funeral da romancista Maria Luisa Levinson. O corpo estava num caixão fechado, mas dotado de uma pequena janela. Alguém observou que ela tinha folhas de jornal a cobrir-lhe o rosto. A filha explicou que tinham lá posto recortes de vários jornais, «para que, se daqui a muito tempo abrirem o caixão, saibam pelas necrologias quem o ocupa».

## MAIS TARDE

É-me difícil compreender como, vivendo na Buenos Aires da minha infância, não suspeitei de nada do que veio a acontecer. Swedenborg diz que as respostas às nossas perguntas estão todas à frente dos nossos olhos, mas que não as reconhecemos porque temos outras em mente. Só vemos o que esperamos ver. Que esperava eu, então, quando tinha oito, dez, 13 anos?

Recordo longas conversas em cafés, no quarto de alguém a seguir às aulas, nas muitíssimas ruas que calcorreávamos. Um humor peculiar permeava todas essas conversas: ironia tingida de tristeza, absurdo mesclado com seriedade. Os habitantes de Buenos Aires pareciam possuir a capacidade de desfrutar da dádiva mais insignificante e captar os mais subtis instantes de sofrimento. Tinham um apaixonado sentido de curiosidade, perspicácia para a ideia reveladora e respeito pela mente inteligente, pelo acto generoso, pela observação iluminada. Sabiam quem eram no mundo e sentiam-se orgulhosos dessa identidade imaginada. Mais importante: havia em tudo isto a *possibilidade* de um florescimento, de um amadurecimento. As restrições económicas e a política que as acompanhava, impostas por empresas estrangeiras que ainda não eram multinacionais, ditaram muitos dos códigos da sociedade, mas o espírito inquisitivo dos argentinos, a sua sagacidade particular, a sua bravura melancólica, prometiam à sociedade algo maior e melhor, para lá dos aparentes períodos passageiros de governos desonestos. Se a infelicidade chegasse, como chega por vezes em qualquer lugar da Terra, não havia de durar muito (pensavam os argentinos): o nosso país era demasiado rico, demasiado forte, estava demasiado cheio de promessas para imaginarmos um futuro eternamente sombrio.

Leopoldo Lugones escreveu em 1916: «A política! Eis o flagelo nacional. Tudo o que neste país representa atraso, pobreza, iniquidade, provém dela ou é explorado por ela.»

Hoje, ao pequeno-almoço, o meu irmão diz-me que «só» dez por cento da Justiça é corrupta. «Tirando, claro, o Supremo Tribunal. Todos os seus membros estão comprados.»

## QUARTA-FEIRA

Talvez por pudor, Bioy, argentino dos quatro costados, dá ao seu herói a nacionalidade venezuelana. *A Invenção de Morel* termina com uma recapitulação nostálgica do que a sua pátria representa para o narrador. É uma enumeração de lugares, pessoas, objectos, instantes, acções, trechos de um hino... Posso fazer o mesmo para recordar Buenos Aires.

Coisas de que me lembro:

- a cor escarlata da nota de dez pesos
- diferentes pãezinhos vendidos na padaria: *pebete* (uma massa adocicada, como a do brioche), *fugaza* (achatada e estaladiça), *miñón* (mais pequena e mais crocante)
- o cheiro da água-de-colónia que o barbeiro passava no rosto do meu pai, na loja do Harrods;
- um programa cómico de rádio, ao meio-dia, todos os domingos: *La revista dislocada*
- as revistas para raparigas, com cores sépia, vendidas sob as arcadas da Puente Saavedra
- as minúsculas sandes de peru no Petit Café
- um forte odor de amoníaco em redor das gigantescas árvores-da-borracha das Barrancas de Belgrano
- o som do carrinho de soda sobre os paralelepípedos por baixo da minha janela
- o sifão de soda e a garrafa de vinho sobre a mesa de jantar
- o cheiro a caldo de galinha antes do almoço
- os grandes paquetes atacadados no porto, fedendo a fumo, prontos a atravessar o Atlântico

- os jacarandás, pela manhã, no início da Primavera

Um dos primeiros poemas que aprendi de cor foi «Ich hatte einst ein schönes Vaterland» («Tive em tempos uma bela pátria»), de Heine.

## QUINTA-FEIRA

A memória como pesadelo: o narrador d'*A Invenção de Morel* sonha com um bordel de cegas onde (diz ele) entrou um dia, em Calcutá. No sonho, o bordel torna-se um esplêndido palácio florentino, com decoração em estuque. Aqui, em Buenos Aires, sonho em espanhol com pessoas que nunca falam e não me ouvem, e sempre com a cidade que conheci, nunca como ela é hoje. Nos meus sonhos, a Avenida 9 de Julio desemboca na Avenida Santa Fe.

O narrador de Bioy tem a impressão de que está simplesmente a jogar um jogo, não que luta pela vida.

Depois de amanhã, parto. Almoço com o meu sobrinho Tomás. Conversamos acerca da traição da história da Argentina e da necessidade que ele tem de continuar a acreditar que é possível fazer algo positivo. Comoveu-o uma frase que leu em Simone de Beauvoir: «Descobri com desprezo a natureza efémera da glória.»

Para que um livro nos atraia, talvez seja preciso que estabeleça entre a nossa experiência e a da ficção — entre as duas imaginações, a nossa e a da página — um elo de coincidências.

## SEGUNDA-FEIRA

Estou de regresso a França. No avião, li um artigo sobre as chamadas formigas-argentinas. Guerreiras impiedosas na sua pátria,

pararam de lutar na Europa (por razões desconhecidas) e, com o excedente de energia, conseguiram construir um túnel com seis mil quilómetros entre o Norte de Espanha e o Sul de Itália.

Hoje começo a arrumar a minha biblioteca.

As prateleiras estão prontas, enceradas e limpas. Apercebo-me de que, antes de poder pôr os livros no devido lugar, tenho de abrir todas as caixas, porque os géneros estão misturados e, se não o fizer, não saberei de quanto espaço preciso para, por exemplo, os romances policiais ou as obras de Bioy. Numa das primeiras caixas, encontro um exemplar de *La otra aventura*, uma colectânea de ensaios dele que publiquei quando trabalhava para as edições Galerna, em Buenos Aires. Tinha 20 anos e éramos três na empresa: o editor, a mulher dele e eu. É um livro pequeno, 8,5 por 17,5 centímetros, com um desenho a traços negros sobre um fundo vermelho. Lembro-me de ir a casa de Bioy buscar o manuscrito — um maço de cópias a papel químico — e lê-lo no autocarro que me levou a casa.

Foi nos primeiros meses de 1968. Passado exactamente 30 anos, revi Bioy, semanas antes de ele morrer. Estava reduzido a um homem frágil e ossudo que enrolava as palavras, mas os olhos guardavam o seu brilho extraordinário. Contou-me que tinha pensado no argumento de um romance novo, um romance fantástico. «Vai haver uma ilha», disse. E, depois, com um sorriso: «Outra vez.»

Tenho uma fotografia de Bioy com 17 anos, de perfil, com barba, de uma beleza clássica. Também tenho uma datada daquele último encontro, de ombros encurvados, bochechas chupadas. Não é certo que Morel tivesse escolhido conservar o jovem em vez do homem próximo da morte, a imagem do que foi em vez da imagem do que será. Morel diz à imagem da sua amada Faustine (por quem o narrador também se apaixonou): «A influência do futuro sobre o passado.» Exactamente.

Nem sempre o que os outros vêem como os nossos maiores feitos equivale à nossa percepção. Edith Sorel entrevistou um dia Marc Chagall na sua casa em Saint-Paul-de-Vence. O pintor era já octogenário e vivia com a segunda mulher, Vava, com quem se casara dez anos antes. Édith perguntou a Chagall qual era a sensação de ser um dos artistas mais famosos do mundo, quando Vava pediu licença e saiu da divisão por uns minutos. Chagall apressou-se a pegar na mão de Édith, apontou para a mulher, que se afastava, e de rosto luzindo de felicidade, sussurrou: «Ela é uma Brodsky!» Mais do que a fama artística, o que enchia de orgulho o pobre miúdo judeu que crescera no *shtetl* de Vitebsk era ter-se casado com a filha de uma família de comerciantes ricos.

Quem é Faustine? Quem era ela na mente de Bioy? Acabo de ler que a argentina Inès Schmidt serviu de modelo para Rosa Fröhlich, a personagem de Marlene Dietrich em *O Anjo Azul*, depois de Heinrich Mann a ter conhecido em Florença em 1905.

#### TERÇA-FEIRA

Estou na minha biblioteca, rodeado de prateleiras vazias e colunas de livros cada vez mais altas. Ocorre-me que posso reconstituir toda a minha vida a partir destas pilhas de volumes. Depois, de repente, toda esta acumulação de papel impresso me parece supérflua. A menos que a minha própria experiência é que seja desnecessária. É como a dupla realidade que o narrador experiencia quando cita Cícero: «Dois sóis que, segundo ouvi dizer a meu pai, foram vistos durante o consulado de Tuditano e Aquílio.» Contrariando as possibilidades, o narrador encontra em casa uma cópia idêntica do opúsculo que tem no bolso: não dois exemplares do mesmo livro, mas duas vezes o mesmo exemplar. A dupla realidade anula-se: é por isso que o encontro com o nosso *Doppelgänger* significa que temos de morrer.

Título para um ensaio: «A Biblioteca como *Doppelgänger*».

A divisão que aloja a minha biblioteca parece-me enorme, e mais ainda quando os livros começam a ocupá-la. Pego numa antologia do poeta iraquiano Badr al-Sayyab e leio:

O meu novo quarto  
É vasto, bem mais vasto  
Do que será o meu túmulo.

Durante muitos anos, por falta de espaço, mantive a maioria dos meus livros num depósito. À noite, tinha a impressão de os ouvir chamar-me. Agora passo muito tempo entre todos eles, inundado de imagens, fragmentos de textos memorizados, citações ordenadas ao acaso, títulos e nomes. Encontro o meu primeiro exemplar d'*A Invenção de Morel*: a segunda edição, publicada em 1948, o ano em que nasci.

#### SEXTA-FEIRA

Vários dias a desembalar livros, e muitas mais semanas virão. Recordações e falsas recordações. Julgo lembrar-me distintivamente de qualquer coisa, de uma certa maneira. Nas guardas de um livro que abro por acaso, uma anotação desengana-me: o acontecimento deu-se noutra lugar, com outra pessoa, noutra momento. O narrador de Bioy: «Os nossos hábitos supõem que as coisas se passam de uma certa maneira, uma vaga coerência do mundo. Agora, a realidade parece-me mudada, irreal.»

Papéis que esvoaçam dos meus livros enquanto lhes limpo o pó: um bilhete do eléctrico de Buenos Aires (os eléctricos deixaram de circular no final dos anos 60); um número de telefone e um nome que nada me dizem; uma citação: «*Laudant illa sed ista legunt*»; um marcador de página da já defunta Livraria Maspero, em Paris; o coto de um bilhete para *Grease*; o coto de um bilhete de avião Atenas-Toronto; uma factura de livros comprados na Livraria Thorpe, em Guildford, ainda em xelins e dinheiros; um autocolante da Livraria Mitchell em Buenos Aires; um desenho a lápis vermelho de dois patos ou duas pombas; uma carta de jogo espanhola, o dez de paus; a morada de Estela Ocampo em Barcelona; um recibo de uma loja em Milão, por um chapéu de que não me lembro; uma fotografia de passaporte de Severo Sarduy; uma brochura da Biblioteca Huntington em Pasadena; um envelope endereçado à minha morada, George Street, em Toronto.

Não escolhemos aquilo que perdura. Entre os instantes do passado conservados por Morel nas suas projecções fantasmagóricas persistem duas abomináveis peças musicais: «Valencia» e «Tea for Two». A minha mãe tinha um LP de Sara Montiel a cantar «Valencia».

#### SÁBADO

O fantástico tem de sobreviver a uma série de explicações lógicas ou absurdas. (Sherlock Holmes: «Quando eliminamos o impossível, o que resta, por mais improvável que seja, tem de ser a verdade.») O narrador de Bioy propõe cinco hipóteses de explicação das coisas estranhas que vê: está infectado pela peste; tornou-se invisível graças à atmosfera nociva e à falta de alimentos; as pessoas que vê são criaturas de outro planeta e incapazes de ouvir; enlouqueceu; os fantasmas são os seus amigos defuntos e a ilha é uma forma de purgatório ou paraíso. Presume-se que a verdadeira solução será «científica».



Bioy (a voz sarcástica de Bioy) intromete-se na narrativa: «Foi evocada a possibilidade de vários céus; se existisse apenas um, para onde todos fossem, e lá nos aguardasse um casal encantador com todas as suas quartas-feiras literárias, muitos de nós já teriam deixado de morrer.» E isto: «O homem e a cópula não suportam longos momentos intensos.» (Borges deve ter pensado nesta frase quando atribuiu a Bioy a famosa citação em «Tlön, Uqbar»: «Os espelhos e a cópula são abomináveis, porque multiplicam o número de homens.» Os dois amigos, Borges e Bioy, espelharam características um do outro nos seus escritos. *A Invenção de Morel* e «Tlön, Uqbar» foram escritos no mesmo ano, 1940.)

## DOMINGO

Ao contrário dos *feelies* de Huxley (filmes em que se pode «tocar com os dedos») no *Admirável Mundo Novo*, as imagens projectadas de Morel podem ser percebidas pelo sentido do olfacto, mas também pelo tacto (um processo que, diz ele, se conseguiu facilmente) e pela sensibilidade ao calor. «Nenhuma testemunha admitirá que são imagens», afirma orgulhosamente o narrador. Também tem a certeza de que os seus «simulacros de pessoas» careciam de consciência de si, «como as personagens de um filme». (Como os livros, a meu ver. Como os amigos que recordamos.)

Os amigos que recordo estão suspensos no tempo, como se captados numa película fotográfica. Todos (muitos dos quais morreram ou desapareceram) têm a idade que tinham da última vez que os vi: duvido que me reconhecessem agora. São o que sei do passado.

«Quem não desconfiaria de uma pessoa que dissesse ‘Eu e os meus amigos somos aparências, uma forma nova de fotografia?’» Enquanto eu caminhava pela Buenos Aires que julgava recordar, os fantasmas pareciam fazer a mesma pergunta irónica. Na minha

adolescência, nunca tive a impressão de me encontrar num lugar «recordado».

## SEGUNDA-FEIRA

Como seria de prever, a realidade coopta a ficção. Na ilha de Morel, as paredes da casa são projecções cinematográficas que coincidem com as paredes feitas de tijolos e argamassa e cobrem todas as fissuras ou buracos na coisa real. No romance posterior *Plano de Evasão*, que se passa noutra das ilhas fantásticas de Bioy, imagina-se uma prisão onde paredes pintadas criam uma ilusão de liberdade para os detidos. A História aperfeiçoou as duas noções. José Milicua, historiador de arte espanhol, revelou que, durante a guerra civil espanhola, os republicanos (!) construíram celas com pinturas murais inquietantes ao estilo dos quadros modernistas e surrealistas: dois metros de altura, um metro de largura e dois metros de comprimento, quentes e sem ar, e com os catres inclinados de tal maneira que o prisioneiro caía ao chão sempre que se tentava deitar. Numa das paredes era projectado em *loop* interminável a cena do corte do olho de *Un chien andalou*, de Buñuel. O arquitecto deste pesadelo foi um francês nascido na Áustria chamado Alfonso Laurencic, que chamou a estas criações «tortura psicotécnica».

## FINAL DA TARDE

Vou dormir uma noite na biblioteca, para me apropriar verdadeiramente do espaço. O C. diz é o equivalente de um cão urinar nos cantos.

A primeira ideia de Morel é construir uma antologia de imagens expostas como recordações: razão pela qual se chama museu à casa.

Sugere que a nossa tecnologia está constantemente a inventar máquinas «para contrabalançar a ausência». Defendendo que a ausência é meramente espacial, imagina que todas as vozes, todas as imagens produzidas por aqueles que já não estão vivos se conservam algures, para todo o sempre. Um dia, espera ele, existirá uma máquina capaz de reconstruir tudo, como um alfabeto que nos permite compreender e compor todas as palavras possíveis. «A vida será, pois, um depósito da morte», diz. Uma única vantagem para os indivíduos-imagens de Morel: não têm memória da repetição, revivem o momento como se fosse sempre a primeira vez.

Diz-se que quem não visita a Capela de San Andrés de Teixido, na Galiza, durante a vida tem de o fazer após a morte: «*A San Andrés de Teixido vai de morto quen non foi de vivo.*»

Uma definição de inferno: cada uma das nossas acções, cada palavra, cada pensamento conservado desde o dealbar dos tempos, aumentando o infinito por um número infinito de infinitos, uma repetição de que não há escapatória.

## QUINTA-FEIRA

Leio (não me lembrava) que o narrador ouve Faustine falar do Canadá, do meu Canadá. Desde que me tornei cidadão canadiano em 1985, gosto de encontrar alusões ao Canadá em lugares inesperados e tornei-me atento aos cês maiúsculos na página. Sei bem que, para Bioy, o Canadá era o equivalente de um Shangri-La sem exotismo: simples distância em si mesma, arquétipo do lugar longínquo. É curioso como um leitor forma o seu próprio texto reparando em certas palavras, certos nomes que têm para ele um significado privado, de que só ele ouve o eco que escapa a todos os outros. Isto lembra-me o crítico anónimo de *O Amante de Lady Chatterley*, que observou, na revista inglesa *Horse & Hound*, que

o livro de Lawrence continha belas descrições do campo inglês, lamentavelmente estragadas por umas divagações sentimentais e eróticas.

Hubert Nyssen pergunta-me se alguma vez me ocorreu que o cérebro parece um códex dobrado com memória quase ilimitada: a mente como livro.

## SEXTA-FEIRA

Acabei de ler *A Invenção de Morel*, novamente. A voz de Bioy ecoa na sala. Pego no diário dele, para ler à noite, antes de adormecer.

Os livros que levo para a cama à noite são diferentes dos livros que arrumo na biblioteca durante o dia. Os primeiros impõem-me o seu tempo e a sua extensão, o seu próprio ritmo de narração antes de eu adormecer; os outros submetem-se às minhas noções pessoais de ordem e categorias e obedecem-me quase cegamente (por vezes revoltam-se e tenho de trocá-los de lugar).

Que companhia adoptarão os romances de Bioy quando a biblioteca estiver completamente organizada? Em que grupo os encontrarei? Onde ficará *A Invenção de Morel* depois de todas estas pilhas vertiginosas de livros serem distribuídas pelas prateleiras? (Se seguir uma ordem alfabética, arrumada por línguas, os romances de Bioy virão depois dos poemas de Jaime Gil de Biedma e precederão os soberbos contos de Isidoro Blaisten.)

Descubro este comentário no diário de Bioy: «Sempre disse que escrevo para o leitor, mas o facto de continuar a escrever hoje, quando os leitores (os incondicionais, os genuínos) desapareceram, é prova irrefutável de que escrevo simplesmente para mim.»

# UM DIÁRIO DE LEITURAS

foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso na Eigal, Indústria Gráfica,  
em papel CoralBook de 80 g,  
em Março de 2022.